

# SOLETRAS

Editor: Dany Wambire \*Beira \*Ano IX\*2022\*47ª edição\*E-mail: [revistasoletras@gmail.com](mailto:revistasoletras@gmail.com)

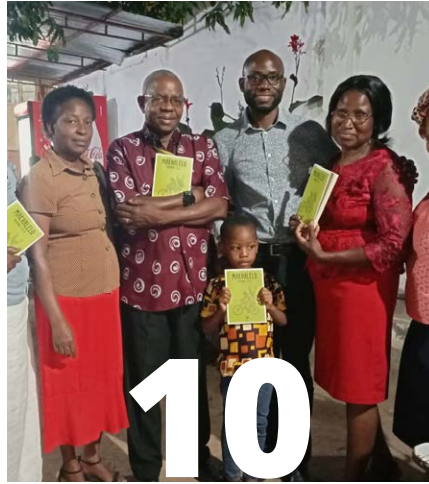
BIMESTRAL

## Short Movies

Gonçalo M. Tavares publica livro em Moçambique pela Fundza



07



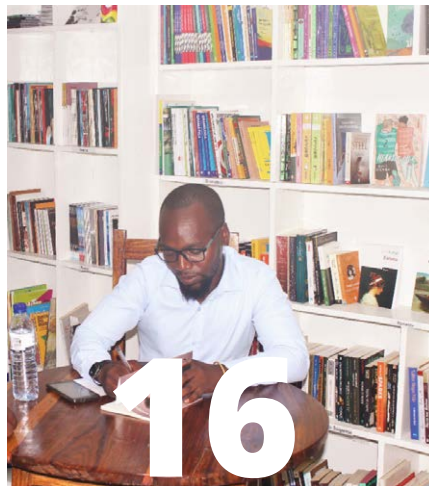
10



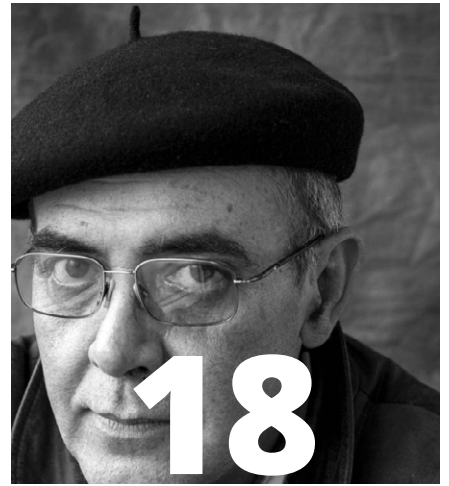
13



14



16



18

## Índice de conteúdos

# É preciso democratizar o processo de edição em Moçambique

Desde a sua criação, em 2016, a Editorial Fundza tem recebido, regularmente, solicitações de inúmeros autores que pretendem publicar. Duas ou três mensagens entram, semanalmente, na caixa de mensagens electrónicas da editora. Uma pergunta repete-se em quase todas as mensagens: o que é necessário para publicar pela Fundza?

Como se pode imaginar, esta demanda deixa orgulhosa a equipa da editora, por ser vista como uma óptima opção para viabilizar projectos literários de distintos autores moçambicanos e estrangeiros, alguns dos quais já com certo crédito firmado no campo da literatura ou da academia.

Se a chegada de alguns autores, com alguma tarimba, pudesse ser vista como um sinal de demonstração de um consistente e louvável trabalho que a Fundza tem estado a desenvolver, a publicação das suas obras não deixa de ser um desafio, porquanto a editora teve que se reorganizar para estar à altura do prestígio desses autores. A Fundza tem que estar à altura de Isaú Meneses, Nobre dos Santos, Martins Mapera, José Luís Peixoto, Juvenal Bucuane, Gonçalo M. Tavares, José dos Remédios, só para citar alguns exemplos.

A presença de autores com alguma craveira, no catálogo da Fundza, e a organização de inúmeras antologias, como Poemas e cartas ridículas de amor, Do Índico e do Atlântico, Memórias do Idai e Água, elevou, nos últimos dois anos, o número de autores que procuram pelos serviços da Editorial Fundza, o que exigiu uma melhor organização.

As propostas de publicação, para além de serem tantas, são recebidas em quase todas as épocas do ano, criando embaraço na definição de um catálogo anual. Depois, impõe-se questões de transparência na escolha dos autores a publicar. Daí a ideia de se abrir uma Chamada Literária para que vários autores possam submeter as suas propostas de publicação e, a seguir, fossem avaliadas, com transparência, por um júri idóneo. Portanto, a primeira chamada obedeceu a seguintes fases: admissão das propostas, constituição de um júri idóneo para avaliar os textos e publicação dos livros seleccionados.

Os resultados da chamada não podiam ser mais surpreendentes: A Fundza recebeu mais de 100 originais de autores de todas as províncias do país. Do conjunto das obras recebidas, foram seleccionadas 22, que estão a ser publicadas desde o início do ano, esperando-se que o processo seja concluído até 31 de Dezembro do corrente ano.

De resto, com a 1ª Chamada Literária da Editorial Fundza, algo inédito no país, abriu-se espaço para a democratização do acesso à publicação de obras literárias em Moçambique. A transparência com que se conduziu o processo fez com que muitos autores respondessem positivamente à chamada. Com a participação de autores de todas as províncias do país, foi possível ter um representante de cada província entre os seleccionados, o que abriu espaço para que a Fundza realizasse lançamentos de livros à escala nacional.

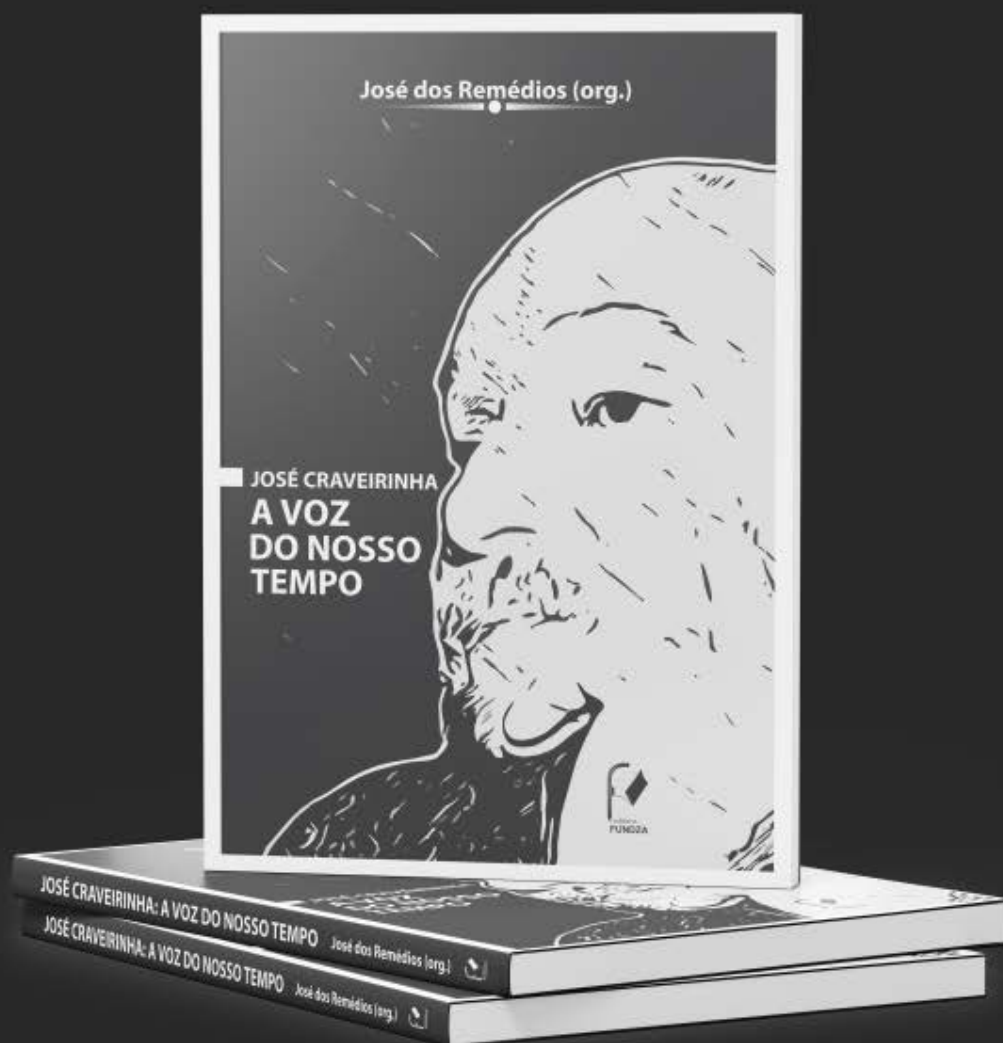
Para a maioria dos seleccionados, o livro a ser publicado pela Editorial Fundza é o primeiro da sua autoria, o que lhes eleva a crença de que é possível ser publicado em Moçambique, sem mesmo ter “nome” que “vende” no mercado editorial.

É certo que a publicação de obras de autores “sem nome” acarreta enormes riscos comerciais, mas alguém deve correr esse risco. A Fundza foi a editora que decidiu correr esse risco. Fazendo jus à sua missão, a Fundza está disposta a dar oportunidade e visibilidade aos novos escritores moçambicanos, agenciando-os para que se tornem escritores de sucesso.

Portanto, mesmo diante da dor de investir num campo com poucas possibilidades de retorno, sobretudo imediato, a Fundza não se deve arrepender por ter enveredado por esta “loucura”, que foi abrir uma chamada literária para publicar novos autores. A equipa da Fundza deve orgulhar-se por estar a contribuir para a democratização do acesso à edição de obras de gente nova, e, assim, descentralizar a literatura moçambicana. O importante é investir, o resto virá por arresto. Afinal, a colheita se define na sementeira.

# LANÇAMENTO

## 100 Anos José Craveirinha A VOZ DO NOSSO TEMPO



### Autores convidados

Francisco Noa • José dos Remédios • Martins JC-Mapera • Lucílio Manjate • Zito Macário Júlio

**QUINTA-FEIRA**  
**01/12 | ÀS 18h00**

**Local**  
**LIVRARIA FUNDZA - BEIRA**  
*Rua António Enes, bairro do Chaimite*



**Cornelder**  
de Moçambique s.a.



**CAMÕES**  
CENTRO CULTURAL  
PORTUGUÊS  
**PORTUGAL**  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



# Gonçalo M. Tavares publica livro em Moçambique pela Editorial Fundza



FOTO: Gonçalo Rosa da Silva

TEXTO: Dany Wambire

Conheci Gonçalo M. Tavares na 23ª edição do Correntes d'Escrita. Partilhamos uma mesa na qual discutimos a relação entre a literatura e a música, tendo como mote “Construção”, composição musical da autoria do artista brasileiro Chico Buarque.

Antes já tinha ouvido falar de Gonçalo. Caracterizam-no como um dos portugueses mais férteis da actualidade. Aos 35 anos, tinha ganho o Prémio Saramago, um dos mais prestigiados em Portugal, com o livro *Jerusalém*. Na época, José Saramago encheu-lhe de elogios: “Ele não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos: dá vontade de lhe bater!”.

Durante o debate, no Corrente d'Escritas, Gonçalo tomou consciência de que, para além de escritor, eu era um editor. Eu disse-lhe que gostava de o ver publicado em Moçambique, ao que ele respondeu com um “gosto da ideia”. A seguir, de uma caneta fez verter tinta preta sobre a primeira página do livro “O osso do meio”. Era um autógrafo, beirado por endereço electrónico seu. Entregou-me o livro e pediu que lhe escrevesse para que ficasse com o meu contacto.

Horas depois, voltei a ver Gonçalo a sair do hotel, muito apressado. Mas foi a tempo de me estender a mão em sinal de despedida, rápida. Mais, ainda foi a tempo de registar, pessoalmente, o seu contacto móvel no meu celular.

Gonçalo está publicado em quase 60 países, entre os quais não se inclui Moçambique. Minto. Há uns anos tinha saído algo em Moçambique, o livro *Uma viagem à Índia*, mas publicado por filial de um grupo editorial português, LeYa Moçambique. “Agora é a primeira vez que sai um livro por uma editora exclusivamente moçambicana e isso deixa-me muito contente”, confessou.

Contrário à ideia de se importar livros, com a publicação do seu livro em Moçambique, Gonçalo vê remover-se um obstáculo, o alto custo do livro importado. “É importante que os leitores moçambicanos encontrem o livro em Moçambique a um preço acessível”.

O livro de Gonçalo a ser publicado em Moçambique é *Short movies* e sairá sob a chancela da Editorial Fundza, que está fora da capital moçambicana, na Cidade da Beira, facto que alegra o autor. “Esta edição, pela editora Fundza,

deixa-me muito contente, e, saber que está fora da capital moçambicana, fico a pensar que esta descentralização é importante porque não pode estar tudo nos centros. É nossa função descentralizar a cultura e fico feliz que o livro saia na Beira”, manifestou.

Short movies, que deverá sair neste mês de Novembro, foi um sucesso nas vendas em Portugal e encontra-se esgotado naquele país europeu. O livro é composto de pequenas cenas quotidianas, captadas pela câmara do corpo, os olhos. “É um livro que é pensado como se o narrador fosse uma câmara de filmar que pudesse relatar o que está a ver”, revelou Gonçalo. É um livro, continua, sem pretensões, imune a reflexões ou pensamentos. “Há apenas aquilo que se pode ver, a ideia era transformar a leitura numa visão”.

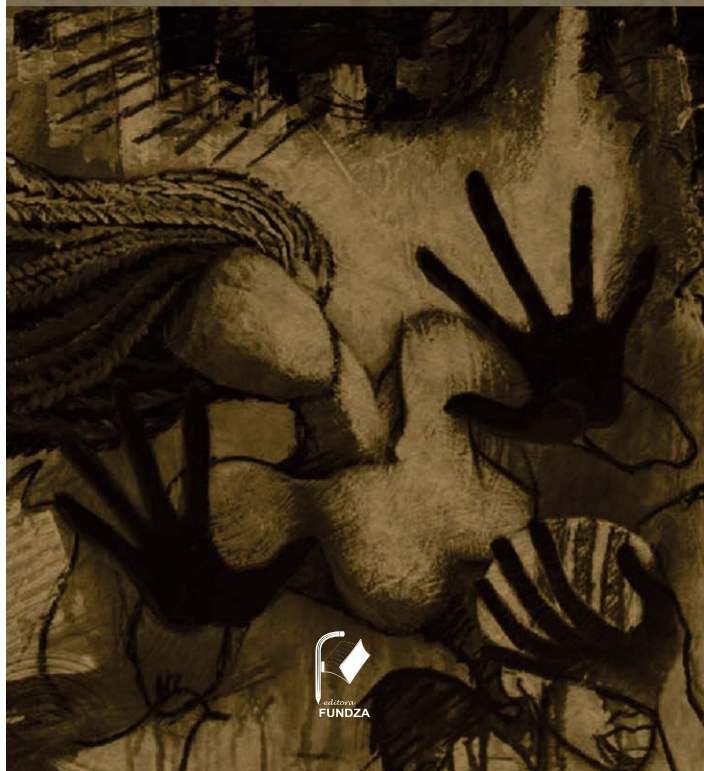
À semelhança de outros livros de Gonçalo M. Tavares, Short movies é um livro difícil de enquadrar nos compartimentos dos géneros literários. O livro foi pensado assim logo à nascença, pois o autor não é adepto dos géneros literários por serem “uma prisão”. Gonçalo tenta sempre escrever livros que, depois de terminados, não sabe onde os encaixar.

Short movies está na fronteira entre o cinema e a literatura. Ao lerem este livro, Gonçalo M. Tavares espera que os leitores moçambicanos sintam que “a literatura tem muitas variantes e nós podemos escrever de infinitas maneiras, para além de ter um potencial gigante”.

Por estabelecer esse diálogo entre a literatura e outras expressões artísticas, os livros de Gonçalo M. Tavares têm dado origem, em vários países, a peças de teatro, dança, peças radiofónicas, curtas-metragens e objectos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas, entre outros projectos.

Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970. Desde 2001, publica livros em diferentes géneros literários.

## Gonçalo M. Tavares Short Movies



Os seus livros receberam vários prémios, em Portugal e no estrangeiro. Com Aprender a rezar na Era da Técnica recebeu o Prix du Meilleur Livre Étranger 2010 (França), prémio atribuído antes a Robert Musil, Orhan Pamuk, John Updike, Philip Roth, Gabriel García Márquez, Salman Rushdie, Elias Canetti, entre outros.

Alguns outros prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 e 2011 (Brasil), Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália), Prémio Belgrado 2009 (Sérvia), Grand Prix Littéraire du Web - Culture 2010 (França), Prix Littéraire Européen 2011 (França). Foi, por diferentes vezes, finalista do Prix Médicis e Prix Femina. A obra Uma Viagem à Índia recebeu, entre outros, o Grande Prémio de Romance e Novela APE 2011.

# “O ardina de sapatos gastos” e o até já à poesia de Alerto Bia



Alerto Bia

Um conjunto de histórias que oscilam entre o conto e a crónica. É assim que Alerto Bia define a sua mais recente obra literária, lançada sob a chancela da Fundza, na sequência da primeira chamada literária lançada por aquela editora.

Segundo o autor que possui três livros de poesia, *O ardina de sapatos gastos* constitui uma nova abordagem e abre novos horizontes no seu processo criativo, até porque sempre escreveu e publicou poemas. Logo, “Escrever contos é uma forma de dar uma nova entrada na literatura, explorando temáticas sociais, com destaque para os desafios diários”.

Não obstante o carácter de radiografia dos aspectos sociais, com o seu quarto livro, o primeiro na prosa, Alerto Bia gostaria que os leitores encontrassem um autor diferente dos títulos anteriores. “Penso que trago uma qualidade promissora neste meu novo livro”. Também por isso, sendo *O ardina de sapatos gastos* o segun-

do livro de Bia a ser lançado em Moçambique, o escritor pretende criar uma ruptura com o que já produziu, no caso, a poesia. “Neste meu início de percurso em prosa, sinto-me mais à vontade e prefiro entrar na prosa como um novo investimento, até porque a poesia acaba”.

Pensando em novos desafios, Alerto Bia refere que ainda não se trata de um adeus à poesia, até porque tem bem guardado na gaveta um projecto de livro poético. “Este meu *O ardina de sapatos gastos* é um até já à poesia, pois tenho alguns textos de poesia que ainda irão sair. Mas esse meu projecto de livro talvez seja o meu último de poesia”.

*O ardina de sapatos gastos* foi escrito por Alerto Bia em um ano, de uma forma gradual. Em algum momento, o autor publicou alguns textos no jornal “O País” e outros na revista “Literatas”. “Fiz alguma compilação de 14 contos”. Por exem-



FOTO: facebook/alertobia

plo, *O ardina de sapatos gastos*, que intitula o livro, “Dona Rodália”, “Aparências do avô Maldade” e “Sempre há a primeira vez”.

Ao escrever *O ardina de sapatos gastos*, Alerto Bia confessa que não se posicionou com exactidão apenas num estilo literário. Por um lado, investiu no conto e, por outro, na crónica. “Acabei ficando nesse intervalo entre o conto e a crónica. Acho que não consigo discernir muito bem isso”.

Questionado sobre a razão de optar na prosa depois de publicar três livros de poesia, o escritor respondeu que a narrativa de ficção dá-lhe mais espaço de divagar. Na poesia tinha de dizer muito em poucas palavras. Na prosa sente que se pode estender e ganhar mais em muito espaço.

Tendo sido seleccionado na primeira chamada literária da Fundza, a edição de *O ardina de sapatos gastos* é carregada de um grande significado porque Alerto Bia já vinha tendo neces-

sidade de ser publicado no país. “Acho que esta selecção significa que há um trabalho que foi reconhecido. Estava ainda a experimentar a prosa e logo fui seleccionado. Isso é algo maravilhoso”.

Alerto Bia nasceu a 2 de Março, em Inhambane. Possui uma publicação dispersa de textos em prosa e poesia nos jornais e revistas. Foi associado do CEPAN (Clube de Escritores, Poetas e Amigos do Niassa). Despontou no Olimpo Literário com a obra “Sonhar é ressuscitar”, 2016, sob a chancela da Livre Editores, Maputo. Em 2017, Publicou “Sombras cálidas”, sob a chancela da Editora do Carmo, Brasil; “O desassossego por dentro”, 2021, sob a chancela da Editora Folveando, Belém. É co-autor do primeiro volume de “Contos e crónicas para ler em casa”, 2020, sob a chancela da Literatas. Em 2020, foi distinguido no Prémio Internacional Literatura e Fechadura, com a obra “O desassossego por dentro”, e ficou em 4º lugar no IV Concurso Internacional de Poesia – Prémio Cecília Meireles, 2019.



# NOVIDADES

**Editora Fundza**

📍 Estamos na Rua António Enes, bairro do Chaimite, cidade da Beira.



Org: José dos Remédios  
Título: José Craverinha: a voz do nosso tempo  
Género: Ensaio



Autor: Alberto Matimbire  
Título: Colectânea Educação Financeira  
Género: Motivacional



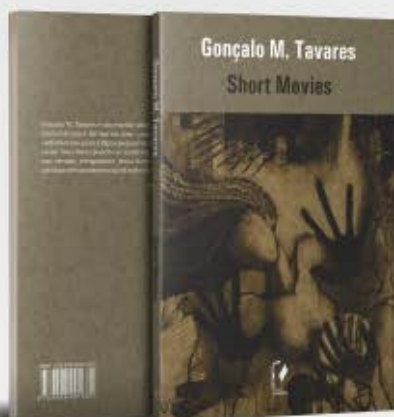
Autor: Lex Mucache  
Título: Encontro em Rosebank  
Género: Romance



Autora: Clévia Guivala  
Título: A rapariga sem reflexo  
Género: Motivacional



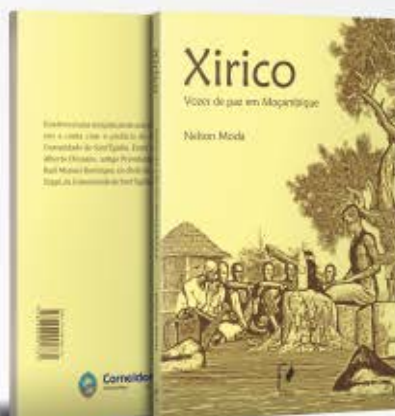
Autora: Larsan Mendas  
Título: O amor que há em ti  
Género: Romance



Autor: Gonçalo M. Tavares  
Título: Short Movies  
Género: Romance



Autores: Stela Santos e António Leão  
Título: Lições de direitos fundamentais  
Género: Científico



Autor: Nelson Mada  
Título: Xirico - vozes da paz em Moçambique  
Género: Científico



Autor: Algaldo Bata  
Título: Mungadze e a lenda do reino musical  
Género: Infanto-juvenil



Autor: Japone Arijune  
Título: O peixe que sonhava comprar um barco  
Género: Infanto-juvenil



Autor: João Baptista Caetano  
Título: O caçador de pássaros  
Género: Infanto-juvenil



FOTO: facebook/adrianofelix

Da direita para esquerda, Adriano Félix é a terceira pessoa

# O *Makhalelo* de Adriano Félix ou à nossa maneira de ser

Do emakhuwa, o termo “makhalelo” quer dizer “à nossa maneira” ou “à nossa maneira de ser e estar”. Para a colectânea de crónicas que marca a sua estreia em livro, Adriano Félix escolheu aquele termo como título porque a sua fonte de inspiração é o quotidiano dos cidadãos de Nampula, onde vive e trabalha. Partindo dessa premissa, o autor de “Makhalelo” tentou retratar as coisas da sua província conforme a maneira como acontecem e como as pessoas lidam com o seu quotidiano.

Além de “makhalelo” ser uma palavra comum, em Nampula, Adriano Félix a escolheu para título do seu primeiro livro porque julgou que, desse modo, por um lado, os macuas iriam identificar-se e, por outro, os não falantes do emakhuwa sentir-se-iam atraídos pela

proposta literária.

O livro de Adriano Félix reúne 38 crónicas, que, em geral, reflectem relações inter-sociais em diferentes círculos, com destaque para ambientes familiares. No entanto, o que move o autor não é apenas o que se passa nos lares moçambicanos. Por isso, as suas crónicas também retratam aspectos da vida social no meio informal. A título de exemplo, o que acontece nos mercados, nos chapas, nas cerimónias fúnebres ou nos casamentos. “Isso chama-me atenção para trazer à tona a maneira como dizemos as coisas entre os macuas, de forma fiel”.

Nesse seu exercício de traduzir em palavras hábitos e costumes de todo um povo, Adriano Félix capta o que considera “esta coisa

de se falar português como macua. “Sendo eu falante, percebo que muitos vendedores informais fazem tradução literal do macua para português. Isso tem o seu toque mágico e cómico”.

Na qualidade de cronista, a Adriano Félix não basta apenas escrever um bom texto. Aliás, a sua crónica procura, primeiro, a valorização do que o seu povo é, sobretudo, em termos da utilização da língua e do dom da linguagem. Até porque, explica, “Nós precisamos de reconhecer a maneira como cada grupo étnico, ao nível nacional, apropria-se do português, cruzando a língua oficial com a sua língua bantu. Além disso, eu pretendo tanto transmitir ao leitor a nossa maneira de ser quanto o modo de pensar a vida. Este meu livro é uma exposição da nossa cultura para o país e para o mundo”.

Revelando a sua oficina de escrita, Félix conta que o seu processo criativo é muito espontâneo. Em parte, porque tem uma memória muito fértil para captar as falas das pessoas. Isso também contribuiu para escrever *Makhalelo*. E o autor explica. “Sempre que eu voltasse da rua, eu sentia essa necessidade de contar aos meus familiares e amigos alguns episódios vivenciados. A verdade é que eles achavam engraçado as minhas histórias. Diziam que eu devia escrever. Então decidi começar a investir nisso”.

Ao escrever, às vezes, Adriano Félix recorre a excertos de situações que lhe são contadas por outras pessoas. Surge daí o equilíbrio entre a ficção e a realidade típico da crónica.

*Makhalelo* é um livro com cerca de 10 anos. Ao longo desse tempo, o autor foi juntando as crónicas. Primeiro escrevia para si mesmo, sem coragem de se expor. Depois conquistou a coragem de se apresentar às pessoas. Aí a sua mãe, Ricardina, foi decisiva, pois, sendo uma grande leitora, foi-lhe mostrando

os caminhos com o seu retorno e comentários. “A minha mãe, em primeiro lugar, deu-me o dom da narrativa. Ela é que começou a contar-me as coisas de forma entusiasmante. Isso sempre me deixou mais curioso, desde a minha infância”.

Um dos géneros preferidos da mãe de Adriano Félix é o romance. Então, quando calhasse com passagens animadas, ela parava a leitura para contar os acontecimentos aos quatro filhos. “Cresci entusiasmado com essas histórias que saíam das lestras”.

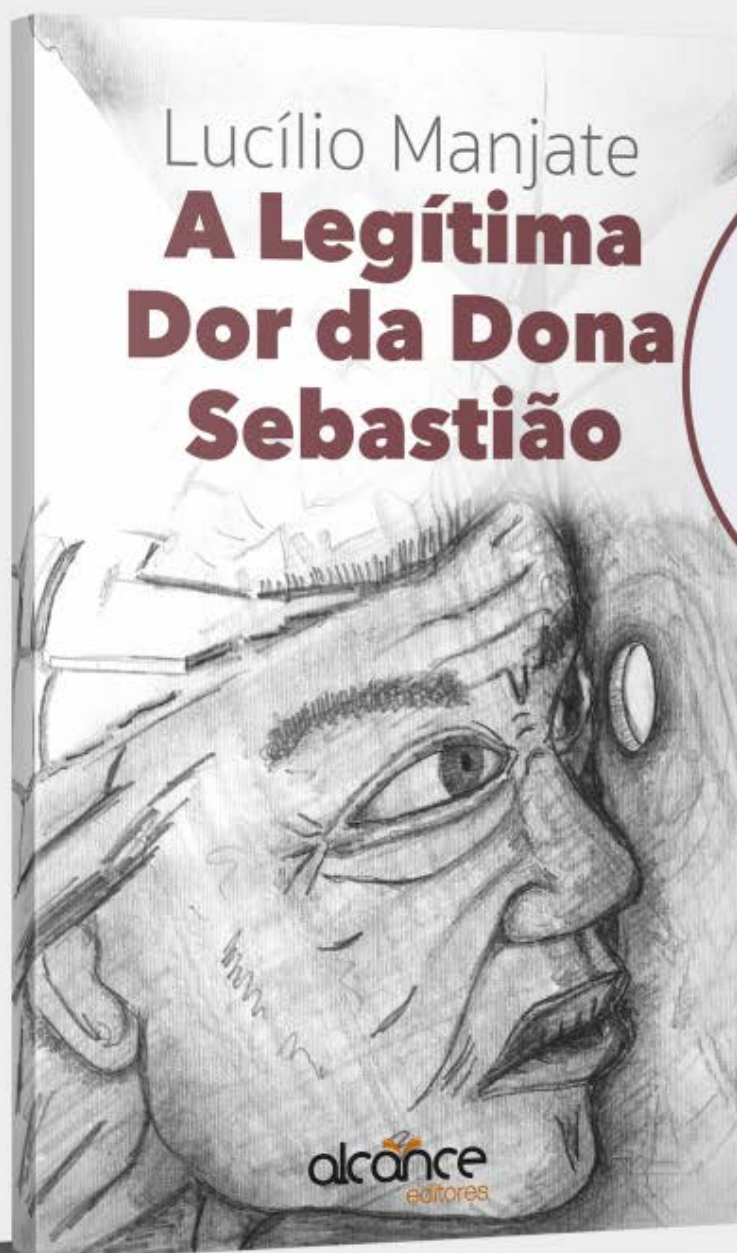
Já quando era mais grandinho, o pai do cronista, Mário, começou a levar banda desenhada lá para casa. Também por isso, tomou o gosto pela leitura e pelas histórias. Consequentemente, cá está *Makhalelo*, um livro adiado ao longo dos anos e que, agora, vê a luz do dia pela Editorial Fundza, que, segundo afirma, o abraçou ao seleccioná-lo na primeira chamada literária.

Adriano Félix nasceu em Nampula. Entretanto, cresceu em vários pontos de Niassa, para onde os pais foram trabalhar. Por exemplo, Lichinga, Cuamba, Micanhelas e Marrupa. Ainda assim, é o ar peculiar de Nampula que o demove. “Nampula oferece propostas peculiares”. Por isso mesmo, além de crónicas, Adriano Félix escreve poemas, contos e romances. O autor encontra na escrita uma possibilidade de existir. Mas também faz outras coisas. É mestre em Urbanismo pela La Trobe University, docente do Curso de Urbanismo e Ordenamento do Território na UniLúrio. Até aqui, está publicado em algumas antologias internacionais, tais como antologia de poesia portuguesa contemporânea *Entre o sonho e o sono* (2017) e antologia de literatura contemporânea *Alma de mar* (2021). E porque a terceira maior cidade do país é a sua casa, está publicado no livro “Nampula: antologia de histórias de uma cidade vibrante”, lançado este ano, em Maputo.

**APRESENTAÇÃO NA BEIRA**

# **A Legítima Dor da Dona Sebastião**

Apresentador: **Dércio Chiemo**



Lucílio Manjate

**QUARTA-FEIRA**

**30/11 | ÀS 14h00**

**Local**

**Universidade Licungo - Beira  
Anfiteatro**



**alcãnce**  
editores



**Cornelder**  
de Moçambique



**COTUR**

**CAMÕES**  
CENTRO CULTURAL  
PORTUGUÊS  
PORTUGAL



# Entre pétalas e sombra, a poesia de Belmiro Mouzinho



FOTO: Lino Mukurruza

Belmiro Mouzinho nasceu a 7 de Maio de 1994, na Cidade de Quelimane. Profissionalmente, actua como Técnico Electricista de Manutenção de Locomotivas na empresa Corredor de Desenvolvimento do Norte (CDN). É poeta e, nessa qualidade, participou na antologia internacional *Moçambique em versos (2020)*, com diversos outros autores moçambicanos, portugueses e brasileiros. O seu gosto pela escrita remota aos tempos de sua infância, tendo sido cativado por um dos poemas da escritora Florbela Espanca.

A partir da leitura, Belmiro Mouzinho descobriu outros mundos, na qualidade de leitor. Hoje, no entanto, partilha o mundo descoberto na qualidade de autor, ao estreiar-se em livro de poesia intitulado *Pétalas negras ou a sombra do inanimado*.

Composto por aproximadamente 40 poemas, com a sua obra literária Belmiro Mouzinho pretende sugerir uma leitura diferenciada e uma reflexão em torno da vida. No livro está a sua forma de traduzir e de observar os diferentes fenómenos que se passam ao seu redor, onde encontra os pretextos para exprimir o que observa diariamente. “Esta preocupação surge no meu eu poético. Desde a infância que eu registo pensamentos e ideias. Gosto de ler e de descobrir outras culturas e outros universos através do livro”.

O autor de *Pétalas negras ou a sombra do inanimado* despertou para a escrita graças ao pai, Dias António Mouzinho, que lhe oferecia livros. Ele partiu para longa viagem a 29 de Novembro 2007. Ainda assim, deixou-lhe como legado, dentre as coisas mais valiosas, o hábito de leitura. “Ele tinha o hábito de aprender sobre línguas, buscava sempre novos desafios e não se conformava com o que via à sua volta. Herdei isso dele”.

Desde que descobriu o encanto do verso, a poesia é, para Belmiro Mouzinho, uma forma de vida. “Tudo o que olhamos e tocamos tem poesia”. Seguindo esse raciocínio, o autor acredita que o poema constitui uma forma privilegiada de prolongar a sua presença no mundo, porque parte de si vive na poesia e no que escreve. Há, por essa razão, sempre alguma coisa para escrever. Pouco importa se é alegre ou triste. Sempre há um fenómeno...

Questionado sobre como descreve a sua poesia, Mouzinho rematou: “A minha poesia é rebelde e inconformada. Acabo codificando as minhas emoções através da poesia. Ainda assim, é fácil aperceber-se desses meus inconformismos e dessas minhas frustrações: o luto, a morte, o silêncio e o tédio. Em parte, isso traduz o que sou. Mas também traduz aquilo que observo”.

Ao escrever poesia, Belmiro Mouzinho anseia que o mundo capte a sua forma de ver a natureza das coisas. Afinal, nem tudo são flores. Há coisas incompletas que se complementam com a palavra poética.

O que contribuiu para que Belmiro Mouzinho escrevesse *Pétalas negras ou a sombra do inanimado* foi uma simbiose de sentimentos acumulados ao longo dos anos. Mas Mouzinho também reconhece a importância

das leituras e de certos autores, como o poeta-mor da literatura moçambicana. “Gosto de Craveirinha. Dele li ‘Xigubo’ e ‘Babalaze das hienas’. São livros que me cativaram, sobretudo Babalaze das hienas, livro sobre relatos de um povo com hematomas na alma”.

Como que a inspirar-se no Poeta da Mafalala, Mouzinho confessa que a sua necessidade de escrever está relacionada a uma questão terapêutica. “Espero que os meus leitores se encontrem neste livro, porque cada um tem uma história diferente. Que se encontrem em algum poema que possa descrever algum momento da sua história de vida”.

*Pétalas negras ou a sombra do inanimado* é um dos livros seleccionados na primeira chamada literária da Editorial Fundza. “Fiquei muito feliz com a selecção porque submeti a minha proposta sem expectativas. Eu apenas esperava por algum feedback que me permitisse melhorar o livro, e não uma proposta de edição. Não espera que a Fundza me publicasse, devido às dificuldades editoriais no nosso país”.

Com ou sem expectativas, Belmiro Mouzinho já é autor e *Pétalas negras ou a sombra do inanimado* o livro que o projecta para o mundo das letras.

# Argentina Banze e a escrita sobre a condição humana

Argentina Banze pensa a vida de uma forma aparentemente filosófica. Quem a ouve falar sobre as coisas, pode, inclusive, julgar que se trata de uma filósofa. No entanto, não gravita por essa área do conhecimento. O que a interessa é Direito, curso que, inclusive, favoreceu a escrita do livro *Insiste em ignorar-me*. Aliás, parte da cultura geral que a permitiu escrever um dos mais recentes títulos da Editorial Fundza deve-se à sua formação.

Ora, além de desempenhar a função de advogada estagiária, na Cidade da Beira, depois de ter exercido docência universitária no curso de Direito, Argentina Banze preocupa-se com os outros, aqueles que constituem potências intérpretes da vida. Por isso mesmo,



a autora que sempre viu a escrita como uma forma de terapia e uma poderosa forma de curar e solucionar problemas, propôs-se lançar o seu livro de estreia: *Insiste em ignorar-me*.

Para Argentina Banze, natural de Massinga,

Inhambane, *Insiste em ignorar-me* é um livro motivacional, um grito e uma busca pelo controlo da existência. A ideia do livro, na verdade, é tentar despertar atenção para o que importa. Em primeiro lugar, o livro retrata o fenómeno tempo, num mundo tão efémero, cada vez mais escasso. Mas observa: “A forma como todos tratamos o tempo é diferente. Quando julgamos que temos muito tempo, acabamos não fazendo nada. E, muitas vezes, corremos atrás do prejuízo”.

Numa espécie de diálogo sem respostas, monólogo se se preferir, Argentina Banze revela que no seu livro existe uma entidade que faz do tempo um objecto de personificação. Para a autora, o tempo é mais do que uma categoria narrativa ou uma situação, o tempo é a vida e a vida é tudo o que dá sentido às coisas. “Eu trago no livro um tratamento mais realístico, como se o tempo fosse uma entidade real e pudesse conversar com o narrador”.

Dito isso, Argentina Banze lembrou que, em geral, o tempo é igual para todos. O que é diferente é a forma de o gerir, daí os resultados serem diferentes na busca do sucesso ou do progresso pessoal.

Argentina Banze decidiu escrever *Insiste em ignorar-me* numa altura em que se sentiu sem tempo para fazer nada. Com muitas matérias na faculdade e muito trabalho no escritório, começou a tentar entender o tempo melhor. Aí conversou com outras pessoas que também reclamavam da escassez do tempo. O passo seguinte, com efeito, foi dar azo a uma escrita que é para todas as faixas etárias, porque, a partir da adolescência, todos têm a capacidade de perceber algumas coisas. “No meu livro, talvez as pessoas encontrem coisas que as ajude a encerrar realidades e a resolver problemas. Penso que o livro convida as pessoas a reflectir. O tempo está ligado a tudo: aos sentimentos, à ansiedade e



ao que fazemos”.

Sendo *Insiste em ignorar-me* um livro motivacional e de auto-ajuda, depois de o escrever, a autora transformou-se numa pessoa que abraça a ideia de transmitir ao mundo uma certa forma de expressar sentimentos e a própria visão sobre o mundo. A finalidade disso, igualmente, é perceber o outro. “Vejo na escrita uma forma de tirar de mim o que sinto. Até porque eu escrevo inspirada numa frase de Fernando Pessoa, que diz: “Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir”.

Com a palavra, Argentina Banze retira uma carga de si. Ainda assim, não se revê como escritora, apenas é uma pessoa que pensa nos outros e gosta de pensar com os outros. “Pensar com os outros é melhor do que pensar sozinho”, remata. É uma mulher que acredita no poder da liberdade no sentido mais vasto do termo.

Para a nova autora da Editorial Fundza, entre as poucas que se revelam, a sua escrita é uma forma de se expressar, de ser. A escrita pode ser um princípio e um fim. Quiçá, por isso, gosta da forma como Paulina Chiziane, Mía Couto e Paulo Coelho escrevem.

Argentina Banze é a primeira escritora da sua família e alegra-se quando pensa que as pessoas irão compreender o que escreveu como uma ideia de partilha.

*Insiste em ignora-me* é um livro fácil de escrever. Ficou pronto em seis meses. Predominantemente, foi escrito ao final do dia, depois do trabalho, mas também aos feriados e aos fins-de-semana.

Ao ler o livro, Argentina Banze espera que o leitor saia do livro de mente aberta nessa aventura pelo tempo. Trata-se de 78 páginas, com as quais se sente a abrir um caminho. A questão que se coloca é para quem? A autora não hesita e responde, primeiro, dizendo que este estilo motivacional é para a manter, porque é apologista de que todas as pessoas são capazes e ninguém deve ser subestimada. “Falta-nos muito a coragem, a possibilidade de mostrar que todos somos capazes, principalmente as mulheres. A minha inspiração é mostrar às mulheres que o matrimónio não é a realização da vida. Há outras conquistas. Quero inspirar as mulheres a lutarem pelos seus sonhos e não se restringirem ao que a sociedade oferece apenas. Quero ver mulheres mais motivadas”, sublinhou.

# Os sentidos do amor (e da poesia) em Assane Cadry



*O encanto da poesia* é a síntese da inspiração de Assane Cadry: o amor. A partir daí, os textos do poeta pretendem ser uma construção colectiva. É por isso que não têm títulos, afinal aí reside uma oportunidade de o leitor, depois de ler o poema, intitula-lo da forma que julgar conveniente.

Ao escrever, uma das coisas a que o autor se propõe é revelar os encantos da natureza e da vida em geral. Também por isso, falar de amor e das suas possibilidades logo tornou-se um exercício indispensável. Para Assane Cadry, o amor, nas suas diversas vertentes, é um importante vector para boa convivência social. Cadry acredita tanto nisso quanto na ideia de que a mulher é a personificação desses encantos que identifica à sua volta. “Não podemos falar de amor sem nos referirmos às mulheres”.

*O encanto da poesia*, originalmente, foi concebido para possuir dois cadernos. No entanto, durante o processo editorial, o autor resolveu retirar um. É nesse único caderno que se encontra o retrato do amor expresso de várias formas. O amor plural.

Segundo revelou o poeta, o seu livro de estreia foi escrito de forma automática, com textos que lhe fizeram descobrir como poeta. “Eu nem sabia que estava a escrever o livro, quando há mais de 20 anos rabisquei o primeiro poema”.

O percurso que agora terminou com a edição

de *O encanto da poesia* começou em 2003. Nessa altura, Assane Cadry partilhava os seus textos com amigos, colegas e alguns professores. Por via da poesia, destacou-se e tornou-se um modelo a seguir na turma. As pessoas ouviam ou liam os seus poemas e entusiasmavam-se. Isso despertou-lhe a atenção para a poesia. E partilha a experiência: “Lembro-me de que, em 2003, uma professora de contabilidade industrial, chamada Vaneusa, leu e gostou de um poema meu intitulado ‘A razão do meu viver’”. De tanto que a docente gostou do manuscrito, levou-o e digitou-o num computador, o que emocionou Assane Cadry, que, nessa ocasião, pela primeira vez teve um poema no formato word. A proeza, quando foi dividida com os outros, causou muitas dúvidas no seu circuito. A maioria dos que leram “A razão do meu viver” não acreditaram que se tratava de um poema seu. No entanto, ao invés de se aborrecer com isso ou de tentar provar a autoria do seu poema, Cadry vibrava interiormente de satisfação. Segundo entendia, a desconfiança de muitos em relação à autoria do poema era uma espécie de atestado de competência, o que lhe estimulou bastante.

Na Cidade de Chimoio, onde tudo começou, Assane Cadry teve imensos receios quanto a assumir-se como poeta. Mas, depois, abriu-se ao Núcleo dos Escritores de Manica, agremiação de que é membro efectivo





até hoje. “No Chimoio, tive a oportunidade de apresentar os meus textos na Rádio Moçambique”.

Entretanto, quando o autor saiu de Chimoio para Beira, faltaram pessoas com quem discutir literatura. Consequentemente, o nível de produção da escrita baixou. “Passei a escrever muito pouco, mas com maior qualidade. No entanto, sem nenhum crítico para apresentar os textos. Muitos dos que liam gostavam, mas eu sentia a falta de críticas e de confrontos”.

Nessa busca por pessoas que lhe pudessem criticar a escrita, Assane Cadry conheceu o escritor Diogo Vaz. Um amigo incentivou-lhe a contactá-lo. Depois de algum receio prévio, tal contacto aconteceu e Cadry enviou algumas propostas literárias a Vaz. Por sua vez, o escritor deu-lhe algumas dicas.

Passados dois anos, Diogo Vaz não se esqueceu de Assane Cadry. Por isso reencontrou-lhe uma informação sobre

publicação de uma coletânea literária organizada pela Editorial Fundza. “Eu submeti três textos e todos foram aprovados, integrando, por isso, o livro “Poemas e cartas ridículas de amor”. Foi o primeiro contacto com a Fundza. E foi uma experiência fantástica porque na cerimónia de lançamento do livro o escritor Dany Wambire leu o meu texto sem nos conhecermos. Foi uma vitória. Nessa altura já tinha lido um livro dele, mas não o conhecia pessoalmente até àquele momento”.

Desse episódio em que o escritor Dany Wambire lê o seu poema até editar *O encanto da poesia* passaram um par de anos. Hoje, o mesmo escritor que lhe leu há anos edita-o em livro depois de a proposta poética ter sido aprovada na primeira chamada literária da Editorial Fundza.

Assane Cadry nasceu a 18 de Agosto de 1986, na Cidade de Chimoio. É formado em Contabilidade, pela Universidade Zambeze. Actualmente, é estudante de Direito, na Universidade Licungo.

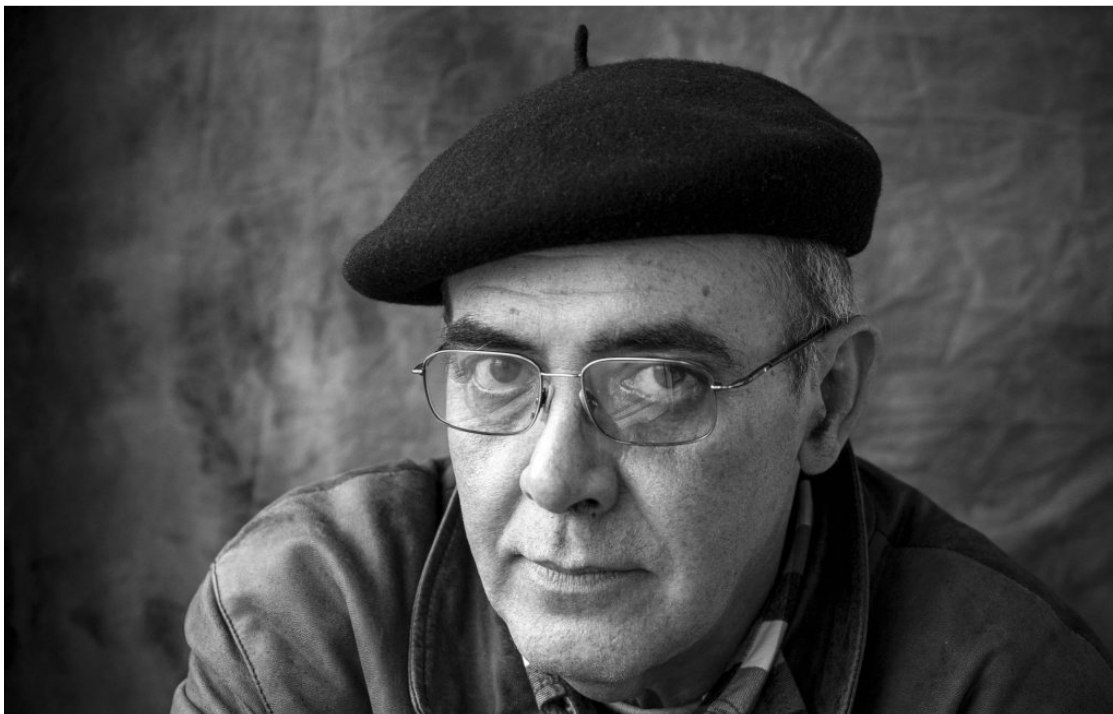


FOTO: Alfredo Cunha

## BARCA OBLONGA: UM LIVRO SOBRE A AMIZADE E UMA HOMENAGEM A LUÍS CARLOS PATRAQUIM

TEXTO: José dos Remédios

Otildo Justino Guido e Fernando Absalão Chaúque conheceram-se através das redes sociais. No entanto, o início da amizade acontece em 2019, altura em que Guido foi a Maputo para receber o Prémio Literário Fernando Leite Couto. Naquele primeiro encontro a nenhum deles ocorreu que um dia publicariam um livro juntos. Mas uma coisa é certa, desde o dia 12 de Dezembro de 2019 que ambos mantêm conversas regulares e o facto de viverem em províncias diferentes não constitui qualquer entrave.

A ideia de *Barca oblonga* surgiu em 2020, um ano depois do início dessa amizade promissora. No princípio, moveu-lhes a intenção de combater o confinamento imposto pela COVID-19, ora partilhando obras, ora escritas. Certo dia, um deles enviou ao outro o livro *Monção*, e, depois, *Ossô côncavo e outros poemas*, de Luís Carlos Patraquim. Para os dois autores, aí ficou claro que tinham mais alguma

coisa em comum: a admiração por Patraquim. Então fez-se luz. Os poetas decidiram bilateralmente, e sem aclamação, escrever textos poéticos que dialogassem com a obra de Patraquim. “Fomos escrevendo numa espécie de conversa com a sua obra, desde *Monção* até *Cão na margem*”, disse Otildo Guido, entre várias coisas, poeta, compositor, activista cultural e formado em Contabilidade e Finanças, natural de Inhambane.

Além dos livros, a força da amizade sugeriu que os dois autores também lessem entrevistas de Patraquim, das mais antigas às mais recentes. Assim puderam conhecer o homem da palavra medida e directa. Só depois disso, algum tempo depois, decidiram enviar os manuscritos ao autor homenageado. Luís Carlos Patraquim leu a primeira versão do livro, fez alguns comentários e agradeceu a gentileza de ser celebrado através da literatura. Até aí, a ideia não era de editar os textos em livro.



FOTO: facebook/otildoguido

Todavia, o projecto foi ganhando asas e quem lhes mostrou o voo possível foi um amigo: Daúde Amade, a quem também enviaram as primeiras versões. “Ele disse-nos que os nossos textos tinham alguma coisa que acrescentava qualidade ao círculo literário moçambicano”, lembrou Otildo Guido, acrescentando que, a partir daí, enviaram os textos a alguns editores, de modo que pudessem ser publicados em livro ainda em 2020, altura que calhou com os 40 anos da primeira edição de *Monção*. Entretanto, não foi possível lançar o livro.

Quase dois anos depois, a Editorial Fundza lança a sua primeira chamada literária. Entre a dúvida e a hesitação, enviaram o projecto de livro, no penúltimo dia, sem grande esperança de que seria seleccionado. Mas as coisas correram de forma feliz: “Ficamos surpresos quando recebemos o e-mail da Fundza a informar-nos de que o nosso livro tinha sido seleccionado”, lembrou Fernando Absalão Chaúque.

Obviamente, a notícia da selecção de *Barca oblonga* calhou-lhes muito bem, pois, assim, Guido e Chaúque sentiram-se recompensados pela escrita de um livro que sempre foi muito intensa e complexa. “Chegou um momento que se tornou cansativo para mim, apesar de que, antes de começarmos a escrever, trocamos ideias sobre como iríamos dialogar em torno da obra de Patraquim”, confessou Fernando Absalão Chaúque, revelando que precisaram de várias sessões para alinhar ideias.

Durante as sessões, por exemplo, os dois autores definiram quantos poemas cada um iria escrever. De seguida, trabalharam juntos em cada verso e em cada pa-

lavra. “Trabalhamos profundamente os textos”, revelaram. Também por isso, nesta homenagem literária a Luís Carlos Patraquim, Otildo Justino Guido e Fernando Absalão Chaúque esperam que os leitores decifrem ou tentem decifrar os signos e os símbolos deixados nos poemas.

Uma parte de *Barca oblonga* foi escrita entre Gaza e Inhambane, onde mora Otildo Justino Guido, e a outra em Maputo, onde vive Fernando Absalão Chaúque. Durante a escrita, nunca se encontraram presencialmente para efeitos de coordenação ou algo do género. Tudo foi feito via online. Portanto, a distância jamais foi um constrangimento. Aliás, lembra Guido: “Quando o Fernando foi a Inhambane para lançar o seu livro, *Âncora no ventre do tempo* (contos), ao invés de falarmos de *Barca oblonga*, ficamos a andar de barco.

Numa outra perspectiva, além de diálogo em torno da obra de Patraquim, *Barca oblonga* é um exercício humanitário no sentido em que os dois autores tentaram dialogar em torno do mundo e das suas mundividências.

*Barca oblonga* é poesia em verso constituído por dois cadernos: “A curva suspensa” e “A sombra eléctrica”. Os títulos surgem de uma estrofe do poema “O osso côncavo”, claro, de Luís Carlos Patraquim. Antes tinha 120 páginas, que, depois, foram reduzidas para 101 páginas. Na tentativa de o melhorar, o livro perdeu metade das páginas. “E foi muito difícil enviarmos a última versão. Acho que temos algo bem feito”, afirmou Fernando Absalão Chaúque, natural da Manhiça, Maputo, professor licenciado em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Pedagógica de Maputo.

# FUNDZA PRINT

Serviços de impressão

*Imprima o seu livro  
em condições  
imperdíveis.*

Oferecemos serviços de impressão para o seu projecto

Tipo de papel	Nº: Página	Preço unitário	Tipo de impressão
Creme, 75 gramas	100	230.00	Preto e branco
Bond, 80 gramas	100	230.00	Preto e branco
Bond, 80 gramas	100	270.00	Colorido
Couché	25	200.00	Colorido

**Capa:** Colorida, duas orelhas, papel cartão 250 gramas.

**Acabamento:** Lombada quadrada ou canoa, laminação fosca ou brilho.

**Formato padrão:** A5 (14.8cmX21cm).

**Quantidade mínima:** 300 exemplares.

**Forma de pagamento:** Até duas (2) prestações.

**Prazo de entrega:** Até 60 dias após a confirmação do pagamento.

**Não incluso:** Diagramação, revisão e desenvolvimento de capa.

## Editora Fundza

📍 Estamos na Rua António Enes, bairro do Chaimite, cidade da Beira.



Mais informações:

🌐 [www.fundza.co.mz](http://www.fundza.co.mz) 📧 [comercial@fundza.co.mz](mailto:comercial@fundza.co.mz) ☎️ +(258) 87 471 010 4



# Lino Mukurruza e Paulo Nguenha (des)actam argolas do nó

Lino Mukurruza nasceu em 1989. É professor e autor de livros como “Vontades de partir & outros desejos” ou “A extinção da cinza”. Por sua vez, Paulo Nguenha nasceu em 1991. É engenheiro, poeta e contador de histórias com várias publicações em Moçambique e no estrangeiro. Ambos colaboraram com a “Soletras”. Na verdade, foi através desta revista onde ambos publicavam os seus textos que iniciaram uma amizade que se pretende para vida inteira.

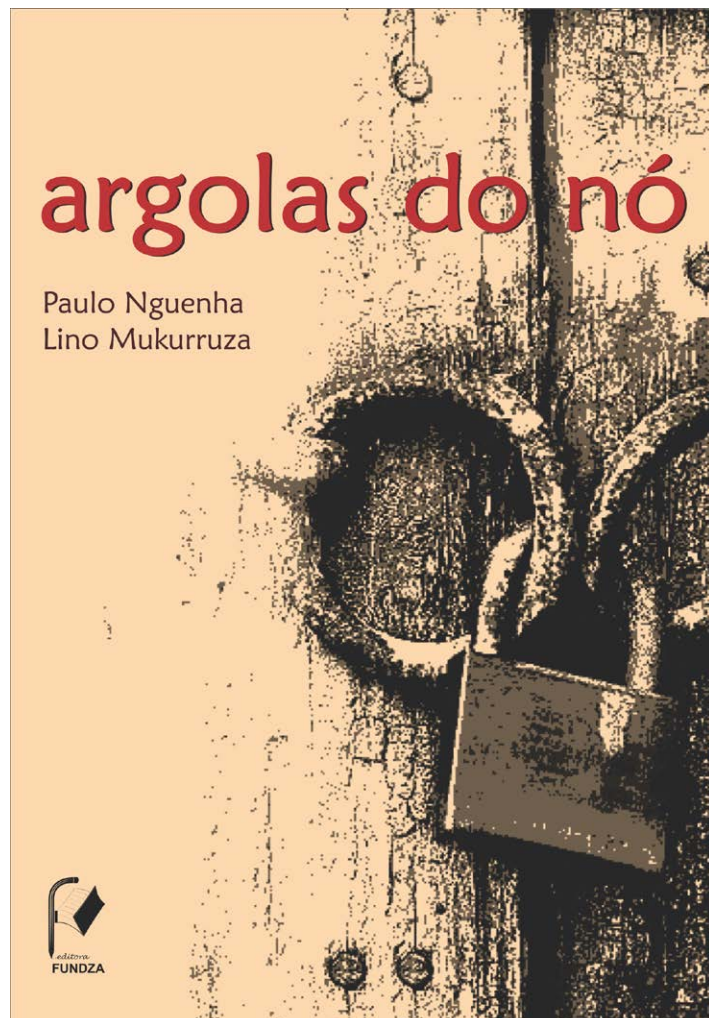
Na altura em que os dois autores tiveram as primeiras impressões, Lino Mukurruza encontrava-se em Moçambique e Paulo Nguenha na Argélia, a estudar. A distância sempre fez parte dessa amizade que parte da literatura e é transversal. Aliás, desde o início, distância tem sido o denominador comum. Até aqui, os poetas só encontraram-se rapidamente uma vez, no Aeroporto de Mavalane, em Maputo. “Nesse dia, eu ia participar no Festival Internacional de Poesia, na Província de Gaza, e o

Paulo viajava para Cidade de Pemba, onde agora vive e trabalha. Logo que ele me viu, veio ter comigo e abraçamo-nos como se já nos tivéssemos encontrado várias vezes. Conversamos muito rapidamente porque cada um de nós tinha de seguir viagem e não tínhamos muito tempo”, lembrou Lino Mukurruza, precursor do Clube de Leitura de Angoche, em Nampula, e Coordenador do Clube de Leitura em Quelimane, na Zambézia.

Apesar de a distância ser uma espécie de ocorrência permanente, Lino Mukurruza e Paulo Nguenha encontraram um mecanismo que lhes aproxima ainda mais: a partilha e o desenvolvimento de projectos literários comuns. Foi assim que, durante o confinamento causado pela pandemia da COVID-19, os autores resolveram escrever com a pretensão de contornar toda uma conjuntura deprimente. Para o efeito, propuseram-se a escrever o livro de poemas a que deram o título de *Argolas do nó*. A obra literária foi escrita durante os dias difíceis do confinamento, mas não é um exercício sobre a pandemia, é sobre esse universo interior que os autores tiveram algum tempo aprisionado. Explicou Mukurruza: “*Argolas do nó* era a questão que nos inquietava por dentro, por não termos a liberdade de podermos expressar o que tínhamos dentro de nós. Decidimos desatar as coisas que tínhamos cá dentro”.

Constituído por 10 cadernos, “*Argolas do nó*” foi escrito em muitas temporadas, antes do primeiro e único contactato até agora. Para compensar a ausência durante a escrita, os autores recorriam a muitas chamadas e a imensas trocas de e-mail. O exercício foi intenso porque ambos escreveram juntos todos os cadernos.

Segundo dizem, os poemas do livro são diálogos e, de facto, conseguem criar esse cenário de conversa, um diálogo entre os seus textos e com outras questões literárias e reais. Afinal, os poemas também foram escritos no sentido de recriar inquietudes, entre 2020 e 2021. Isto quer dizer que Lino Mukurruza e Paulo Nguenha propuseram-se escrever “*Argolas do nó*” sete anos depois do



início da amizade.

O livro foi escrito às madrugadas, sem intenção de publicação. Na verdade, a pretensão dos autores sempre foi a de ensaiar os seus diálogos poéticos ou literários no sentido mais vasto. No entanto, depois de considerarem encerrados os 10 cadernos que compõem o livro, decidiram parar de escrever, mas com a intenção de, futuramente, retomarem ao projecto. Depois de algum tempo, com efeito, viram a primeira chamada literária da Editorial Fundza, que culminaria com a edição de livro. Lino Mukurruza pegou no seu telemóvel e ligou a Paulo Nguenha para o informar que ali tinham uma oportunidade. Paulo Nguenha concordou e assim submeteram o texto à chamada. A notícia da selecção foi emocionante e, felizes por isso, ambos inauguram um percurso literário feito a dois para toda gente.

# LANÇAMENTO NA BEIRA

# ALÉM DO TUNEL

## ENSAIOS E TRAVESSAIS

Apresentador: **José dos Remédios**



**SEXTA-FEIRA**  
02/12 | ÀS 18h00

**Local**  
Casa do Artista - Beira



**Cornelder**  
de Moçambique



**CAMÕES**  
CENTRO CULTURAL  
PORTUGUÊS



# Notas de Apresentação de "As Máscaras da Verdade", de Almeida Cumbane



Manuel Mutimucuo

A obra que tive o prazer de ler e agora o privilégio de apresentar é um trabalho de ficção filosófica de Almeida Cumbane. O autor, como já pode ser do domínio de alguns dos seus leitores, é Licenciado em Ensino de Filosofia, mas seria simplista demais assumir que este livro seja uma mera extensão da sua preparação académica, pois não faria justiça à história que o hospeda nem tão-pouco a destreza literária do autor.

Ora, apresentar um romance de ideias impõe-nos um dilema de forma e conteúdo: Resumir a história e cair na armadilha da simplificação? Ou falar das ideias e enviá-las por falta de contexto?

Devo, desde já, revelar que assumi o risco de ficar pela segunda opção. Primeiro, porque me pareceu que a história do livro, com todas as suas urdiduras e peripécias, é fundamentalmente um grande e belo adereço para o seu propósito maior: discutir ideias; pôr-nos a reflectir sobre realidades que pareciam incontestáveis até que o autor se vestiu de advogado do diabo e pôs-nos a questionar algumas verdades. Segundo, porque acredito que esta história foi escrita exactamente com o propósito de ser lida na sua complexidade e não simplificada na vã tentativa de a promover. Aliás, se me permitem a breve divagação para reforçar o meu argumento, gostaria de chamar à nossa memória colectiva para o seguinte: a ciência que estudamos na escola primária é, na essência, a mesma que aprendemos no secundário e nos vários ciclos dos estudos universitários, mas o que

era dito num parágrafo passa gradualmente a ser tratado num capítulo, depois num livro e a seguir, em vários livros. A conclusão a que chego é que resumir um livro é metaforicamente equivalente a reduzi-lo à simplicidade do ensino primário – onde a ciência gera símbolos, mas talvez não conhecimento.

Indo, então, as reflexões que reificam a história parece-me instrutivo destacar que uma das magias da arte é que nós como sociedade damos licença aos artistas para nos entreterem, mas também para nos aborrecerem; para enaltecerem, mas também para questionarem. Penso que Cumbane usa bem esta propriedade para despir o véu da sensibilidade e controvérsia em temas como deficiência, violência doméstica e justiça.

Através das suas personagens, o autor insurge-se contra alguns eufemismos que a sociedade constrói para, supostamente, aligeirar a nossa condição humana ou, muito recentemente aproximar as palavras às normas sociais contemporâneas. Não me escapa à atenção o que chamamos hoje "evento climático extremo" não faz muito tempo chamávamos "desastre natural". O que não mudou, infelizmente, é que sofriamos e continuamos a sofrer por causa da precariedade das nossas infra-estruturas e, fazendo vénia ao saudoso Professor Serra, por causa também de outras calamidades humanas.

Estamos todos mais ou menos familiarizados com colocações como "primeira sorte", mesmo quando na verdade a experiência de primeiro filho é muitas vezes



um encontro de cegos que se deixam guiar por outros cegos. Falando de cegos, o protagonista de “as máscaras da verdade” é cego e o autor aproveita o ensejo para nos recordar como a sociedade, sem materialmente ter mudado muito a qualidade de vida dos deficientes, tem produzido prolificamente iterações sobre como devem ser chamados os deficientes. Passo a citar um excerto

“o termo portador de deficiência está ultrapassado. Foi banido. Usa-se o termo pessoa com deficiência, porque se entende ... que a deficiência não é um fardo que alguém ... carrega”.

Não escapa à observação crítica do autor que outras formas de deficiência são, na educação, eufemisticamente tratadas por “necessidades especiais” e como, a seguir transcrevo, Cumbane tem algo a dizer.

“Ora, a criança órfã, independentemente de ser rica precisa de atendimento especial. O aluno pobre, excluído até dos manuais escolares, porque a sua casa de matope nunca é apresentada como casa, precisa de atendimento especial. O menino rico precisa de atendimento especial para não desenvolver o hábito de não se esforçar. Quem não tem necessidades educativas especiais?”

Para fechar o capítulo dos eufemismos gostaria aqui de realçar um padrão já identificado pelo também saudoso comediante crítico George Carlin: parece que palavras únicas não são corteses o suficiente para descrever factos desconfortantes. Fulano não morreu, perdeu a vida; sicrano não adoeceu, está incomodado; beltrano não é pobre; não tem posses; no centro não houve uma guerra, houve uma tensão político-militar. Não se riam. Existe muita imaginação nos nossos eufemismos. A que mais se destaca, para mim, é a de absolver toda a gente de quaisquer responsabilidades sobre o que fazemos ou dizemos. Por exemplo, os nossos dirigentes políticos não são demitidos por incompetência ou outro tipo de incompatibilidades. São todos mudados porque queríamos imprimir uma nova dinâmica.

Cumbane tem igualmente algumas reflexões sobre o flagelo da violência doméstica. Nos tempos que vivemos ninguém parece disputar que não deve haver tolerância a este tipo de comportamento e, verdade seja dita, a nossa sociedade logrou alguns sucessos de entre eles a intervenção do Estado no que, erradamente,

se considerava assunto privado. Depois de ler Cumbane há quem vá liminarmente rechaçar as suas cogitações (ou melhor, as das suas personagens), mas também há quem possa questionar-se se ao jogarmos fora a água suja do banho não deitamos junto com o bebé. Eis a colocação do autor:

“Sabem o que acontece com a maioria das mulheres que têm os maridos presos por violência contra elas? Sofrem de novo. (...) “imaginem que nós somos sócios numa empresa. Eu apresento queixa porque em meio a uma discussão sobre assuntos da empresa tu me agrediste. Aplica-se uma multa contra ti e tiras essa multa dos cofres da empresa. Significa que eu também, o ofendido, estou a pagar a multa”.

Não escapa à pena do escritor Almeida Cumbane a controvérsia sobre se a justiça social é mais bem servida pela igualdade ou equidade. Passo a citar

“Equidade não é dividir tudo por igual. Não é tratar as pessoas de forma igual. É diferenciá-las em função das necessidades. Se a equidade fosse igualdade, trataríamos de forma igual uma pessoa com deficiência e pessoa sem deficiência na bicha de banco”. Com o exemplo dado pelo autor fica evidente a dimensão moral da equidade, mas qual é o risco desta intenção nobre ser abusada nos moldes do célebre “Animal Farm” de George Orwell com a determinação dos porcos de que “todos os animais são iguais, mas uns são mais iguais que outros”?

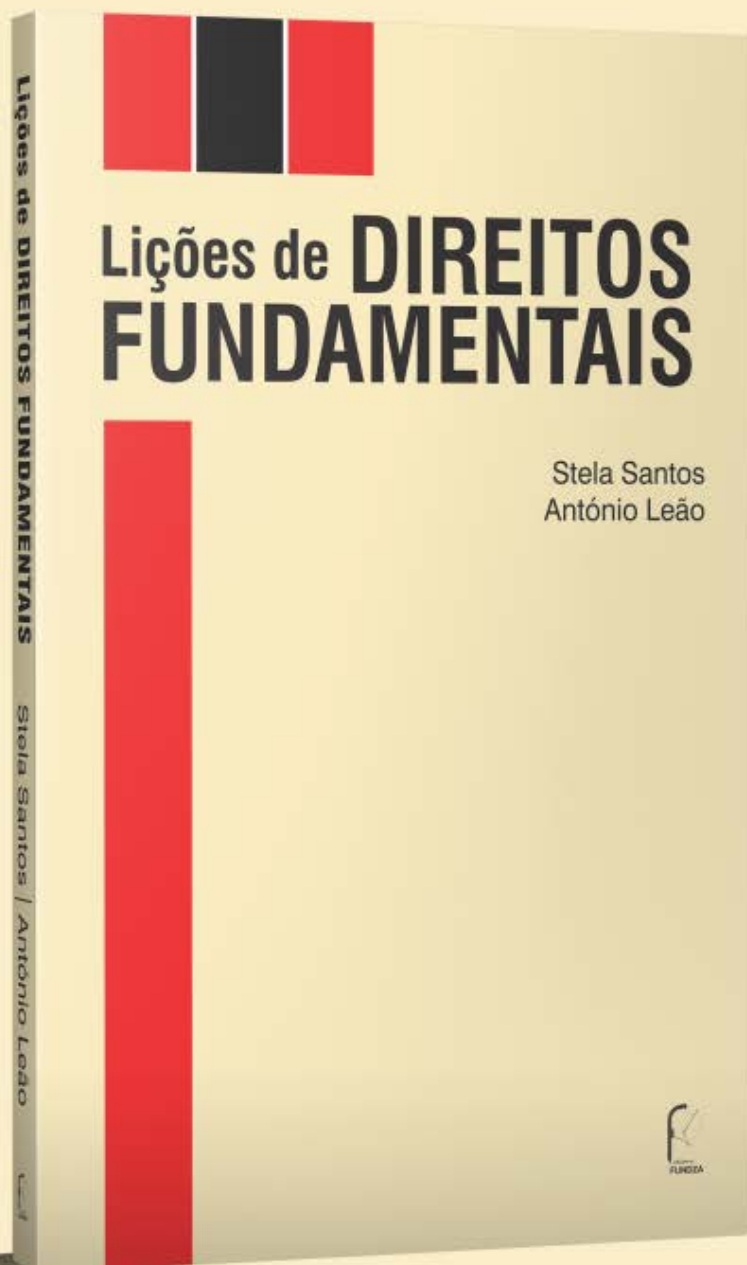
Enfim, para os que gostam de saber qual é relação do título com o conteúdo do livro, a minha resposta é simples. Tudo. E porque o autor desconfiava que muitos não viessem a ler o livro - mesmo aqueles que hoje entusiasticamente irão comprar um ou dois exemplares - incluiu logo na epígrafe a resposta por meio de um excerto emprestado de Anne Lambert que passo a citar “levei em conta que há coisas verosímeis que não são verdadeiras e que há coisas verdadeiras que não são verosímeis”.

Em jeito de fecho, gostaria de congratular o Almeida Cumbane pela cativante obra e a editora Fundza por a publicar. Aliás, este livro é em si um triunfo, tendo sido seleccionado na primeira chamada literária da Fundza.

# LANÇAMENTO DO LIVRO

# Lições de DIREITOS FUNDAMENTAIS

Apresentador: **Anastásio Ndapassoa**



Stela Santos



António Leão

**TERÇA-FEIRA**

**06/12 | ÀS 18h00**

**Local**

**Livraria Fundza - Beira**

*Rua. António Enes, bairro do Chaimite*